

ASPECTO DA FICÇÃO MINEIRA PÓS-45: ROMANCE DE GERAÇÃO

FÁBIO LUCAS*

RESUMO

No romance mineiro pós-45 encontram-se duas diretrizes: a do depoimento como balanço de uma geração, pro penso ao memorialismo exploratório da vida interior das personagens, e a do ensaio como apelo a questionamentos da relação homem versus sociedade. Essas di retrizes são influenciadas por doutrinas político-filosóficas contemporâneas à geração dos ficcionistas evocados.

Tradição introspectiva

Formou-se em Minas, no séc. XX, uma tradição intimista na literatura, a famosa introspecção que tem sido apontada co mo tendência natural dos montanheses.

Já na década de 20 manifestam-se, com Eduardo Frieiro, em *O clube dos grafômanos* (1927), outras características que irão surgir iterativamente em nossos ficcionistas: por exemplo, o depoimento de um grupo de jovens, interpretado por uma ou mais personagens, a título de balanço de geração.

Na mesma obra, Eduardo Frieiro tenta o romance-ensaio que, na verdade, significa o primeiro juízo crítico da efervescente agitação modernista. Assim, em determinado momento (cap. XIV, "Novos e velhos"), as personagens que se reúnem pa ra editar uma *Revista de Letras e Artes* travam um debate sobre as novas tendências literárias e falam dos "nossos futuristas", camuflados de roupagens nacionalistas. A personagem Bento Pires, considerada um *alter ego* de Eduardo Frieiro, acres centa:

*Professor Universitário. Diretor do Instituto Nacional do Li vro.

"E trocaram de nome. Já não são mais futuristas, dadaístas, simultaneístas ou supra-realistas. São simplesmente 'modernistas', o que não diz nada".

No capítulo seguinte, as farpas vão para Graça Aranha e Ronald de Carvalho. E curiosamente há um capítulo de elogios a Machado de Assis, uma exortação para que se fundasse uma Sociedade dos Amigos de Machado de Assis e se promovesse uma tiragem de "uma bela edição de suas obras completas".

Em dado instante, a personagem Porfírio Neiva fornece uma visão do gosto da época e um juízo de valor:

"As preferências do nosso tempo são para os escritores estritos, precisos, lacônicos. A ânsia de vida sem literatura, de verdade sem retórica leva-nos a preferir algumas páginas de Lima Barreto a toda a obra de Coelho Neto".

Vê-se, portanto, com aquela obra de Eduardo Frieiro e, depois, com *Inquietude, melancolia* (1930), reeditada com o título de Basileu (1981), que a tradição costumbrista se foi transformando, entre nós, na crônica geracional romanceada. Surgem as personagens inteligentes e judicativas.

Será desta linha, na década seguinte, *O amanuense Belmiro* (1937) de Ciro dos Anjos, um dos livros capitais da ficção mineira, cujo clima de refinada atmosfera literária se prolonga em *Abdias* (1945), do mesmo escritor.

Ciro dos Anjos agrega ao modelo de Eduardo Frieiro certo requinte subjetivo e confessional. As personagens se manifestam na primeira pessoa e particularizam mais intensamente o drama interior. De certa forma, o romancista alinha-se a outra dimensão do subjetivismo literário de Minas, a propensão às memórias.

Na expressão tardia e surpreendentemente admirável de Pedro Nava, o memorialismo ganhou uma estatura artística poucas vezes atingida em nossa história literária. E no volume *Beira-Mar* (1978) vamos surpreender justamente a quintessência deste pendor de realizar o balanço geracional. São que as personagens aqui são verdadeiramente pessoas, surgem mais da vida

real do que do mundo da fantasia.

E também na última fase da poesia de Carlos Drummond de Andrade, a do *Boitempo* (1968), que o memorialismo mal se disfarça no seu revestimento lírico.

Enquanto, na década de 30, o romance brasileiro motivava-se com a questão social, as produções mais expressivas da ficção mineira mergulhavam no subjetivismo denso de exploração da vida interior das personagens. Lúcio Cardoso, por exemplo, tipifica a criação de heróis da consciência, os novos construtores de tensões dramáticas baseadas em íntimas dilacerações, em substituição aos heróis de ação, cujos projetos e malogros se operam no confronto com a realidade exterior.

Com efeito, a literatura predominante em Minas, durante largo período de prevalência do Modernismo, carrega-se de matices confessionais, como se a literatura fosse não só o refúgio do memorialismo, mas também o exercício da autoconstrução pela palavra ou a tentação inelutável de auto-análise.

É como se grassasse uma crise de autenticidade no tecido social mineiro, a ponto de impregnar cada escritor de questionamentos lírico-sentimentais ou filosófico-existenciais que cumprissem a função motivadora, eternamente renovada, da prática literária.

Enquanto isto, o cenário internacional, de expansão industrial, operária e urbana, mostrava-se agitado pelos debates políticos; as transformações do capitalismo geraram idéias e ações inquietantes, que conduziram ao nazi-fascismo, consolidado pelo temor da propagação da doutrina socialista.

As polarizações político-sociais acabaram por influir na conduta e na expressão dos artistas. Daí, a abundância de uso da expressão como apelo, tendente a emocionar e a mover as massas de leitores ao engajamento nas lutas sociais.

A literatura de apelo privilegia o lado ético da manifestação, toma feição didática.

Enquanto a prosa subjetiva e intimista retrata, quase sempre, um engajamento existencial, uma dolorosa procura da verdade ou de valores, uma catarse exibicionista ou confessional, a ficção de cunho social freqüentemente baseia-se na

verdade já encontrada ou instituída e relata os insucessos dos inadaptados à ordem social, quer por oposição (daí o protesto...), quer pela revolta ou mesmo a manifestação da consciência problematizada.

Quando, no curso da narrativa, quer na arte da intriga, quer na interlocução das personagens, se dá a intromissão au tobiográfica, ocorre o fluxo confessional; e quando, em ambos os casos, se manifesta a intenção de influenciar, dá-se o apelo, a função apelativa que visa a mover o leitor e incitá-lo a sair do estado de inércia para a esfera da participação. A trilha confessional leva à opinião do grupo e esta conduz à visão do mundo, na qual se introduz o questionamento político.

Em ambos os casos — confissão e apelo — a grande tarefa do escritor consiste em manter o nível estético na sua máxima elevação, a fim de que as obras não se degenerem no sentimentalismo oco ou no panfleto político.

Por falar em romance-ensaio, lembrado com *O clube dos grafômanos* de Eduardo Frieiro, é justo apontar dois notáveis romancistas contemporâneos que o têm experimentado. Um é Silvano Santiago, que no livro *O banquete* (1970), apresentou contos-ensaios, prolongando uma tradição que vem de Lima Barreto.

Em liberdade (1981), prodigioso romance, apresenta momentos sublimes de reflexão e instigante matéria ficcional. Também no *Stella Manhattan* (1985) é possível surpreender instantes de pura perquirição cognoscitiva.

O outro é Rubem Fonseca. Os seus dois últimos romances — *A grande arte* (1983) e *Bufo & Spallanzani* (1985) contêm, por detrás de uma estonteante fabulação, convites aliciantes para a meditação sobre a obra de arte, especialmente a literária. Ademais, o narrador fala, como especialista, de diversos assuntos, de forma que o saber circula amplamente no tecido narrativo, recordando os melhores momentos do naturalismo.

Confissão e Apelo

Eduardo Frieiro, ao perceber que a crítica não captara a essência de seu romance-ensaio, *O clube dos grafômanos*, revela que sua intenção, com a obra, fora explorar "... o caráter imaturo de um jovem tímido e inquieto, um intelectual deprimido pela dúvida de si mesmo".

Com efeito nas várias oportunidades em que o costumbrismo intelectual mineiro se revelou nos romances de geração, os protagonistas eleitos para concretizar a mensagem central da obra mostraram-se nos moldes pretendidos pelo romancista de *Inquietude, melancolia*. Toda a nossa linha confessional tem personagens que comportam-se em dúvida consigo mesmo, com inconformismo, ironia e mordacidade.

Curiosamente, no capítulo conclusivo de *O clube dos grafômanos* a morte da *Revista* e o fechamento do clube se anunciam por uma carta da personagem Vitoriano Ruas, que deixa entrever uma opção pela literatura de finalidade social:

"Condenada a ser, ainda por muito tempo, simples entretenimento de *diletantti*, a nossa literatura não pode seduzir nem prender a espíritos sérios que queiram tomar parte na construção da pátria.

A arte e a literatura não se bastam a si mesmas. Descarnadas de qualquer finalidade social, sintetizam o desencanto do esforço inútil ou desencanto do esforço satisfeito. A atividade desinteressada da inteligência conduz ao ceticismo, ao desespero, à inatividade e à perda da energia vital". (p.199)

O pós-guerra é assinalado no Ocidente pelo surgimento de uma literatura ativamente influenciada pelas duas correntes filosóficas então predominantes: o existencialismo e o marxismo.

É natural que tais influxos se fizessem sentir igualmente em nossa produção literária, embora, por longo período, a aproximação com o idealismo existencialista, derrotista e cético, tenha superado longamente a inclinação para os temas sociais, para a análise dialética ou mesmo para a justiça social.

Curiosamente, é no despontar de nossa prosa pós-65 que se destaca a imaginação criadora de Murilo Rubião, que nada tem a ver com a tendência confessional dos mineiros e muito menos com a narrativa de inspiração social. A primeira edição de *O ex-mágico* é de 1947.

Mas, a seguir, começava a moldar-se a complexa obra de Autran Dourado, pejada de particularismo existencial e de mitologia pré-industrialista. Esta, sim, uma ficção de raízes confessionais.

As vezes em que Ciro dos Anjos e Autran Dourado tentaram desviar-se de seu natural pendor para dimensionar os movimentos mais sutis da consciência, procurando produzir uma crítica às leis de produção e conservação do poder na esfera do Estado institucionalizado, as narrativas desafinaram com o conjunto de suas obras. Foi o que se viu com *Montanha* (1956) e *A serviço del-Rei* (1984). Na verdade, tornaram-se incapazes de fugir ao costumbrismo político, com acentos irônicos e alguns aspectos revanchistas do romance à clef. Ficaram de fora a sátira política e a visão crítica do poder.

Mas não é só Murilo Rubião que traça um caminho autônomo na ficção de Minas Gerais pós-45. Outro caso surgiu, retumbante: o de Guimarães Rosa, cuja estréia em livro se deu com *Sagarana*, em 1946.

É bem verdade que os contos apresentados naquela época tiveram repercussão, mas boa parte da crítica limitou-se a enquadrar o ficcionista numa linha de expressão regional, não obstante reconhecendo nele certa originalidade. Poucos foram capazes de encontrar nele o fator revolucionário de nossa prosa, como o perceberam M. Cavalcanti Proença e Oswaldino Marques.

A explosão de Guimarães Rosa para o grande público irá dar-se em 1956, dez anos após a estréia, com *Grande sertão: Veredas* e *Corpo de baile* (2 volumes). A opinião pública, então, foi despertada para o novo fenômeno de nossa prosa de ficção. O choque foi tão grande que alguns escritores menos generosos e abertos ao êxito alheio não conseguiram conter sua inveja e passaram, quer de modo ostensivo, quer de forma soez, através

de referências desairosas ora ao escritor, ora à pessoa, a macular a fama do narrador literalmente vitorioso.

Além de *Ciro dos Anjos* e de *Autran Dourado*, outras tentativas despontaram de realizar a crônica das falcatruas da politicagem mineira. É o caso da obra de Mário Palmério, cujo romance de estréia, vivamente aplaudido, *Vila dos Confins* (1956), constitui, em parte, alegre relato das manipulações eleitorais do interior.

Bastante curioso é também o romance *Rua do Quenta-Sol* de Antônio Celso Alves Pereira (1967) que retrata os costumes de uma cidade do interior e tem capítulos (ex.: nºs XII e XIII) dedicados à disputa entre Hermes da Fonseca e Rui Barbosa no município. Deixa a marca da violência e da arbitrariedade das eleições daquela época. No capítulo XIII, a cidadezinha contempla a passagem do cometa Halley...

O Romance de Geração

Mas voltemos aos depoimentos geracionais. Talvez o livro de maior êxito junto ao público tenha sido *O encontro marcado* (1956) de Fernando Sabino.

As marcas da época estão claras no romance. O pós-guerra, conforme se tem assinalado, caracterizou-se pelo debate filosófico na linha do existencialismo. E a vitória dos Aliados contra as forças nazi-fascistas projetou o debate do marxismo.

Tudo isto veio trazer conseqüência para a criação literária.

O romance de Fernando Sabino está impregnado da atmosfera de então. Colhe a expressão da pequena burguesia belorizontina retratada nas incertezas e hesitações dos jovens intelectualmente mais bem dotados e inquietos.

Os horizontes permitidos pela sociedade que integravam não ia além das questiúnculas existenciais, do conformismo/rebeldia em torno dos dogmas religiosos organicamente impostos e administrados, da disponibilidade intelectual e da ampla absorção poética dos valores humanos. Daí a fúria com que a geração de jovens lia modernos e clássicos, embaralhando na in-

determinação ideológica o caos de informações colhidas ao acaso das leituras indisciplinadas.

Ler e fazer poesia constituía o mesmo ato. Daí a aproximação de Eduardo Marcialo, personagem central de *O encontro marcado*, já casado e morando no Rio, do velho Germano, que costumava disparar para ele, deslumbrado, uma saraiuada de frases e conceitos poéticos, surreais.

O encontro marcado propicia a Fernando Sabino prolongar os dois caminhos da ficção mineira: o confessional e a crônica de geração. Há, mesmo, um tópico recorrente a todos os grupos de escritores novos: a criação de uma revista (como no caso de Eduardo Frieiro, em *O clube dos grafômanos*). Só que a "Revista", planejada, ficou em potência, não se realizou.

A conclusão de *O encontro marcado*, passada a tempestade lítero-etílico-existencial, veio a ser um passo regressivo, uma tentativa de volta ao passado edênico e de reencontro de valores de que a juventude havia-se ocasionalmente afastado: o fervor religioso. Mas algo ainda na linha da incerteza. Uma das frases de Eduardo Marcialo, quando se descobre personagem de romance e decide mudar o rumo da vida é: "Tudo que se escreve é apenas uma paródia do que já está escrito e ninguém é capaz de escrever". (p.276)

Em 1950, a geração de escritores novos foi logo realizada a sua revista, na fase do delírio literário: *Vocação*. Esta fase não se manifestou em nenhuma obra de ficção. A descoberta do mundo artístico se fez através de encontros de admiração e de recusas polêmicas. Atacávamos a grande literatura viatoriosa através de um escritor imaginário, Carlos Maurício Balsemão. E conquistamos, Affonso Ávila e eu, um rodapé do *Diário de Minas*, em que procurávamos dar a tônica de nosso pensamento e de nossas descobertas.

Anos mais tarde, realizamos a revista *Tendência* (1957), que, pela primeira vez em Minas, propunha um programa ideológico prévio: éramos socialistas e nacionalistas. Marxismo e existencialismo marcavam a tendência de novo compromisso literário, mantido a poder de debates e polêmicas. Esgrimávamos com Sartre, Marx, mais os analistas e intérpretes de ambos.

O romance da geração, *Curral dos crucificados* (1971), não encerra propriamente os princípios da revista, nem procura exprimir o grupo. Antes discute a temática do "eu" perante a coletividade. A personagem, na sua solidão impotente, chama-se Jonas e vaga perdido nas entranhas da baleia, a multidão. Apanha, portanto, a dimensão existencial do engajamento. O cenário é Belo Horizonte. A corrente migratória é a dos retirantes que chegam à cidade de trem, tangidos pela necessidade. Como no capítulo inicial de *A festa* (1971) de Ivan Ângelo.

Curiosamente o romancista, em seu último livro, *Monólogo do escorpião* (1983), busca atualizar os moldes em que o mesmo esquema se corporifica. Ali, todas as personagens fracassam. E o romancista, retraído por delicado moralismo, não autoriza a busca do prazer por parte da juventude, sumarizando as relações afetivas e amorosas.

Em 1971, Luiz Vilela despontou com *Os novos*, outro capítulo de nossa crônica geracional. Dadas as circunstâncias, há uma diferença de ângulo e grau na apresentação das personagens. Como as de Fernando Sabino, são estudantes. Mas as preocupações são outras. Fazem menos esforço por aparecer, mas preocupam-se igualmente com a carreira literária. E padecem de uma ameaça permanente: a ditadura que se implantou em 1964.

A crônica geracional constitui um aspecto da crônica de costumes. Caracteriza-se pelo desprezo da urdidura, da montagem e da produção de efeitos a cada capítulo, como no folhetim ou nos romances de aventuras. Mais parece com o romance de formação, em que transparece às vezes o lado pedagógico.

Luiz Vilela envolveu-se, enquanto estudante, com a publicação de *Estória*, revista de contistas, de que se fizeram 6 números.

Era o conto, nas décadas de 60 e 70, o gênero de eleição. Criou-se a mística do "contista mineiro" e nada mais oportuno do que se revelarem os "novos contistas mineiros".

A seguir, Luiz Vilela ligou-se à publicação *Texto*, outro título sintomático para o período, de intenso debate da Teoria da Literatura, com predominância das análises estruturalistas. *Texto* era feita com o aproveitamento do papel amarelo

que envolvia as chapas de raio X. Os escritores saíam de consultório em consultório, a recolher cotas de papel para realizar sua literatura.

Os novos fala também da publicação de uma revista, *Literatura*, resolvida num ambiente de bebedeira. Nos debates dos jovens, as letras internacionais desfilam. Há uma indefectível citação de Sartre. Um deles confessa ter ouvido uma frase significativa: "O homem não foi feito para escrever livros, o homem foi feito para ler". (p.18)

Em outra ocasião, a personagem Vitor declara: "Eu que aos quinze anos pensava que aos dezoito seria um gênio, aos vinte e três descubro que não sou nada", (p.41). E Nei, talvez o *alter ego* do romancista, retruca: "Aos vinte e três anos já fazemos o balanço de nossa vida". (p.42)

No final da novela, com o grupo envolvido em fracassos pessoais e derrotas políticas, ainda se fala na possibilidade da publicação do clássico nº 3 da revista, mas

"— ninguém estava interessado em fazer revista nenhuma, ninguém estava interessado em fazer nada, apenas beber e conversar enquanto o tempo passava lá fora na asfalto quente". (p.151)

No horizonte de Nei, a esperança de escrever um romance, sua mais fatal aspiração.

Luiz Vilela voltaria ao tema — discussão intelectual/existencial de um grupo — com *Entre amigos* (1983), uma das novelas mais bem realizadas da nossa literatura. Puro diálogo, pura construção dramática, com forte aparência de teatro. O cenário agora não é mais Belo Horizonte, mas a cidade do interior (Ituiutaba?) que cresceu, tem sua Faculdade de Letras e seus jovens professores. Um retrato da violenta urbanização que se verificou no Brasil nos últimos tempos, com a improvisação de tudo, inclusive dos órgãos educacionais.

Outra experiência digna de relevo é *A festa* de Ivan Ângelo. Aqui a crônica geracional apresenta características mais complexas, bem mais elaboradas. O romance se estrutura em segmentos e se mostra impregnado de motivação política e social.

A sonda analítica penetra mais profundamente nas camadas

ideológicas e revela mais objetivamente as contradições da sociedade belorizontina, agora mais amadurecida para a questão social.

É bem verdade que a ficção mineira se expandira mais, nos últimos tempos, para o lado do problema econômico e político. Wander Piroli, Roberto Drummond, Silviano Santiago, Oswaldo França Jr. e Garcia de Paiva trouxeram para a ficção mineira uma elevação temática jamais experimentada anteriormente, rompendo, deste modo, as amarras provincianas.

Passaremos ao largo de suas obras, entretanto, dado o interesse apenas dos testemunhos geracionais deste estudo. Mas é preciso registrar que, com esses autores, sim, a prosa de apelo se instaura no território mineiro, entrevista apenas episodicamente no passado com Eduardo Frieiro, em parte, e Avelino Fóscolo, este através da abundante pregação libertária que lançava em seus romances.

Deste modo, é com o aparecimento daqueles escritores, que se exprimiram nas décadas de 60 a 80, que o protesto e a denúncia se produzem concomitantemente com a elaboração literária de refinado acabamento artístico.

Ivan Ângelo colhe uma turma a discutir no Bar Lua Nova (a turma do Luiz Vilela prefere o Pelicano) e apanha o seguinte:

"— 1980 vai julgar a gente! Quede nossos livros, quede nossas revoluções? O que é que nossa geração fez? Nós estamos aqui julgando o Fernando Sabino, o Paulo Mendes Campos, a geração Complemento, mas 1980 vai julgar a gente também". (p.114)

O tempo era pesado, o romance revela isto. E, em outro momento, alguém diz: "Tanta gente se policiando, com medo de dizer as coisas. Tanta gente parando de escrever e quem nada tem a dizer começa a dizer". (p.122)

Hã, no relato, um escritor que reúne apontamentos para meditação. Este será o *alter ego* do autor. Em determinado momento, manifesta sua perplexidade "...entre escrever para exercer minha liberdade individual e escrever para exprimir minha parte da angústia coletiva". (p.123)

A ação de *A festa* se dá em 1970. O romance apresenta como novidade um índice remissivo de personagens e circunstâncias que revitalizam os trechos anteriores, iluminando-os, esclarecendo-os, dando-lhes significado ou coerência.

O escritor que se apresenta na parte final, falando sobre a própria obra, refere-se ao livro de Rui Mourão e diz:

"Eu não estou nem um pouco preocupado com geração. Em 70 minha geração era mais um grupo. Carlos, Samuel, o escritor, os intelectuais, são, cronologicamente, figuras de outra geração pós-64, com uma dramática disponibilidade ainda sem saída". (p.172)

E arremata, a seguir: "Aliás, todos os grupos se parecem em Belô". (p.173)

Sérgio Sant'Anna, carioca aclimatado em Minas, deu-nos *Um romance de geração* (1981). Com ele acontece o oposto a Rubem Fonseca, cuja formação e cuja temática é exclusivamente carioca.

Seu romance, que tem como subtítulo "comédia dramática em um ato", não deixa de inscrever-se na tradição da crônica geracional que estamos localizando em Minas.

O cenário é carioca, mas interessa colher aqui a problemática. O autor realiza um "romance" numa peça teatral, cujos interlocutores são apenas um escritor (uns trinta e cinco anos) e uma jornalista (mulher de uns trinta anos).

De que romance fala o protagonista?

"Então, além do romance da nossa geração, é um romance entre pessoas da nossa geração. Pois temos que nos fazer justiça. Uma revolução nós fizemos, a sexual. Agora todo mundo pode trepar com todo mundo. E depois 'tchau' sem maiores grilos. Cada um para o seu lado, como gatos e gatas depois de uma orgia nos telhados". (p.59)

O diálogo fala de muita coisa, mas deixa transparecer a época: prisões, tortura... O escritor-personagem deverá depor para a jornalista sobre a geração de 1964, depoimento tornado possível com a "abertura política".

Mas descrê da geração, ironiza-a:

"e talvez esta 'geração de 64', entre aspas, no íntimo esteja triste agora que o fim da festa se aproxima, ponto. Porque não teremos em quem botar as nossas culpas, teremos de olhar um pouco para nós mesmo, ponto e vírgula". (p.69)

E, adiante, repete: "Sim, se alguma revolução fizemos, foi a sexual". (p. 70) A comédia dramática se encerra com um artigo, espécie de posfácio, em que o autor discute a natureza da obra e as possibilidades de sua representação. Chama a esta parte "romance".

A novidade de Ivan Ângelo e Sérgio Sant'Anna está na reflexão sobre a obra e na revelação da metalinguagem como preocupação de nosso tempo.

Tem-se aventado a hipótese de que a cultura literária de Minas, tão em dissonância com a sua longa decadência econômica e política, decorre justamente de ter perdido sua hegemonia ao tempo da mineração, no séc. XVIII, quando viveu o seu esplendor e experimentou um surto de ativação produtiva jamais acontecido anteriormente no País. Passado o fastígio econômico, constituto de mentalidade progressista, industrial e urbana, ficou o resíduo cultural, que preparou gerações e gerações cultoras das belas letras e do aristocracismo intelectual.

Consta que agora, quer no plano agrícola, em que as fronteiras de produção exportável (café e soja) se expandem extraordinariamente no Estado, quer no domínio industrial, em que Minas Gerais vai galgando o segundo posto no País, a economia mineira manifesta franca expansão, tanto em termos absolutos, quanto em termos relativos. Resta saber qual será a resposta literária, agora que o toque nostálgico ou rural ou meramente de caráter costumbrista e anedótico perdem substância na produção global. Teremos o ressurgimento da narrativa social? Ou se estratificará a literatura de lazer, a narrativa trivial ou a ficção digestiva, nos moldes da propagação da indústria cultural?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Para os objetivos deste estudo, as obras diretamente interessadas na demonstração do assunto estão indicadas no curso da exposição. Mas, como registro, arrolamos ainda os títulos que podem ajudar a investigação da narrativa no período pós-45:

- ALBERNAZ, Kenneth. *Tocaia*, novela, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1984.
- ALENCAR, Gilberto de. *Reconquista*, romance, Belo Horizonte, Itatiaia, 1961.
- . *O escriba Julião de Azambuja*, romance, e *Misael e Maria Rita*, romance, 2.ed., Belo Horizonte, Itatiaia, 1962.
- . *Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho*, romance, 4.ed., Belo Horizonte, Itatiaia, 1970.
- . *Tal dia é o batizado*, romance, 3.ed., Belo Horizonte, Itatiaia, 1981.
- ALPHONSUS, João. *Pesca da baleia*, contos, Belo Horizonte, Paulo Bluhm, 1941.
- . *Eis a noite!*, contos, São Paulo, Martins, 1943.
- ALVARENGA, Octávio Mello. *Doralinda*, romance, Rio de Janeiro, 1962.
- . *Judeu Nuquim*, romance, Rio de Janeiro, Bloch, 1967.
- . *Sexta-Feira, dezesseis*, romance, Rio de Janeiro, Expressão e Cultura, 1971.
- ALVES, Oswaldo. *Um homem dentro do mundo*, romance, Curitiba, Ed. Guayra, 1940.
- . *Uma luz na enseada*, contos, Rio de Janeiro, Editorial Vitória, 1944.
- . *Experiência amarga*, contos, Rio de Janeiro, Secretaria de Documentação do MEC, 1966.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Contos de aprendiz*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1951.
- . *O Eixo e a Roda*, Belo Horizonte, (5): p. 43 - 69, 1986.

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Contos plausíveis*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1981.
- ANDRADE, Euclides Marques. *O dono do mundo, contos*, Rio de Janeiro, Agir, 1948.
- . *Um gosto de fel, contos*, Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1972.
- ANDRADE, Jeferson Ribeiro de. *No carnaval, confetes e serpentinas, contos*, Belo Horizonte, Liberdade, 1973.
- . *Um homem bebe cerveja no Bar do Odilon, contos*, Rio de Janeiro, Codecri, 1977.
- . *Senhoras e senhores, a voz do Brasil, ficção-reportagem*, Rio de Janeiro, Record, 1980.
- . *A origem de Deus e de tudo, contos*, Rio de Janeiro, Record, 1983.
- ÂNGELO, Ivan e SANTIAGO, Silviano. *Duas faces, contos*, Belo Horizonte, Itatiaia, 1961.
- ÂNGELO, Ivan. *A festa, romance*, São Paulo, Vertente, 1976.
- . *A casa de vidro, contos*, São Paulo, Cultura, 1979.
- . *A face horrível, contos*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.
- ANJOS, Ciro dos. *O amanuense Belmiro, romance*, Belo Horizonte, Os amigos do livro, 1937.
- . *Abdias, romance*, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1945.
- . *Montanha, romance*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.
- ANTIÉRO, Martha. *A rede, romance*, 2.ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976.
- ARAÚJO, Bárbara. *Uma flor sobre o muro, romance*, Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1955.
- . *Loja de ilusões, romance*, Rio de Janeiro, J.Olympio, 1955.
-
- O Eixo e a Roda, Belo Horizonte, [5]: p. 43 - 69, 1986.*

- ARAÚJO, Bárbara. *O bezerro de ouro*, romance, Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1970.
- . *E oferecerás tua outra face*, romance, Belo Horizonte, Itatiaia, Brasília, INL/MEC, 1972.
- . *A flor do tempo*, romance, São Paulo, Ed. do Escritor, 1972.
- ARAÚJO, Maria Lysia Corrêa de. *Em silêncio*, contos, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1978.
- BARROCA, Alberto. *O homem das águas marinhas*, romance, Belo Horizonte, Ed. S. Vicente, 1975.
- . *Bráulio, o comunista*, romance, São Paulo, Ed. do Autor, 1979.
- . *O apito final*, romance, Belo Horizonte, Comunicação, 1981.
- . *Pôr uma piscina ao lado*, romance, Belo Horizonte, Comunicação, 1983.
- BASTOS, Orlando. *Confidências do viúvo*, contos, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1981.
- . *De repente, às três da tarde*, contos, São Paulo, Ática, 1984.
- BLÁZZIO, Ney. *Os filhos da vida*, romance, Belo Horizonte, Comunicação, 1981.
- BRANDÃO, Ildeu. *Um mïope no zoo*, contos, Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1968.
- CAMPELLO, Myrtis. *Tempo de fiar*, romance, Belo Horizonte, MP, 1965.
- . *Pele contra pele*, romance, Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1971.
- CARDOSO, Lúcio. *A professora Hilda*, novela, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1945.
- . *Anfiteatro*, novela, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1946.
- .
- O Eixo e a Roda*, Belo Horizonte, (5): p. 43 - 69, 1986.

- CARDOSO, Lúcio. *O enfeitado*, novela, Rio de Janeiro, J.Olympio, 1954.
- . *Crônica da casa assassinada*, romance, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1959.
- . *Três histórias da província*, contendo: *Mãos vazias*, *O desconhecido*, *A professora Hilda*, Rio de Janeiro, Bloch, 1969.
- . *Três histórias da cidade*, contendo: *Inácio*, *Angiteatro*, *O enfeitado*, Rio de Janeiro, Bloch, 1969.
- . *O viajante*, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1973 (póstuma).
- CARVALHO, Murilo. *A cara engraçada do medo*, contos, São Paulo, Hucitec, 1978.
- CELSO, Antônio, (Alves Pereira). *Rua do quenta-sol*, romance, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1967.
- . *Girassol de ouro*, romance, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1973.
- CHAVES, Cida. *Tempo de vento*, romance, Belo Horizonte, Comunicação, 1982.
- COSTA, Jair Barbosa da. *Vesperal de vésperas*, contos, Belo Horizonte, 1978.
- DOURADO, W. Autran. *Teia*, novela, Belo Horizonte, Edições Edifício, 1947.
- . *Sombra e exílio*, romance, Belo Horizonte, Edições João Calazans, 1950.
- . *Tempo de amar*, romance, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1952.
- . *Três histórias na praia*, contos, Rio de Janeiro, MEC, 1955.
- . *Nove histórias em grupos de três*, contos, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1957.
-
- O Eixo e a Roda*, Belo Horizonte, (5): p. 43 - 69, 1986.

- DOURADO, W. Autran. *A barca dos homens*, romance, Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1961.
- . *Uma vida em segredo*, novela, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964.
- . *Ópera dos mortos*, romance, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967.
- . *O risco do bordado*, romance, Rio de Janeiro, Expressão e Cultura, 1970.
- . *Solidão solitude*, contos, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972.
- . *Os sinos da agonia*, romance, Rio de Janeiro, Expressão e Cultura, 1974.
- . *Novelário de Donga Novais*, Rio de Janeiro, Difel, 1976.
- . *Armas & corações*, novelas, Rio de Janeiro, Difel, 1978.
- . *As imaginações pecaminosas*, contos, Rio de Janeiro, Record, 1981.
- . *A serviço del-Rei*, romance, Rio de Janeiro, Record, 1984.
- . *Lucas Procópio*, novelas, Rio de Janeiro, Record, 1985.
- DRUMMOND, Roberto. *A morte de D. J. em Paris*, contos, São Paulo, Ática, 1975.
- . *O dia em que Ernest Hemingway morreu crucificado*, romance, São Paulo, Ática, 1978.
- . *Sangue de coca-cola*, romance, São Paulo, Ática, 1980.
- . *Hitler manda lembranças*, romance, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.
- DUARTE, José Afrânio Moreira. *O menino no parque*, contos, São Paulo, Escritor, 1978.

- EMEDIATO, Luís Fernando. *Os lábios úmidos de Marilyn Monroe*, contos, São Paulo, Ática, 1978.
- FARIA, Nelson de. *Tiziu e outras estórias*, contos, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1962.
- . *Cabeça-Torta*, romance, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1963.
- . *Bazê, estórias sertanejas*, contos, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1965.
- FERREIRA, Jurandir. *Um céu entre montanhas*, romance, São Paulo, Martins, 1948.
- . *Telêmaco*, romance, São Paulo, Saraiva, 1954.
- . *A campanha e o camondongo*, contos, Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1955.
- . *Saia branca*, contos, São Paulo, Duas Cidades, 1972.
- FONSECA, Rubem. *Os prisioneiros*, contos, São Paulo, GRD, 1963.
- . *A coleira do cão*, contos, Rio de Janeiro, Olivê, 1965.
- . *Lúcia McCartney*, contos, Rio de Janeiro, Olivê, 1970.
- . *O homem de fevereiro ou março*, contos, Rio de Janeiro, Artanova, 1973.
- . *O caso Morel*, romance, Rio de Janeiro, Artanova, 1973.
- . *Feliz Ano Novo*, contos, Rio de Janeiro, Artanova, 1975.
- . *A grande arte*, romance, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1983.
- . *Bufo & Spallanzani*, romance, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1985.
- FRANÇA JR., Oswaldo. *O viúvo*, romance, Rio de Janeiro, Autor, 1965.

- FRANÇA JR., Oswaldo. *Jorge, um brasileiro*, romance, Rio de Janeiro, Bloch, 1967.
- . *um dia no Rio*, romance, Rio de Janeiro, José Olympio, 1969.
- . *O passo-bandeira*, romance, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.
- . *Aquí e em outros lugares*, romance, Rio de Janeiro, Codecri, 1980.
- . *As laranjas iguais*, contos, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
- FREIRE, Lúcia Guedes. *Almas nuas*, romance, Belo Horizonte, Comunicação, 1981.
- FRIEIRO, Eduardo. *O clube dos grafômanos*, romance, Belo Horizonte, Pindorama, 1927.
- . *O mameluco Boaventura*, romance, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.
- . *Inquietude, melancolia*, romance, Belo Horizonte, Pindorama, 1930. (Basileu, Belo Horizonte, Itatiaia, 1981).
- . *O cabo das tormentas*, romance, Belo Horizonte, Os Amigos do Livro, 1936.
- GARCIA DE PAIVA, Mário. *Luana*, romance, São Paulo, Ed. do Autor, 1962.
- . *Esse menino, Francisco*, romance, Rio de Janeiro, Expressão e Cultura, 1971.
- . *Os planelúpedes*, contos, Rio de Janeiro, Brasília, 1975.
- . *Dois cavalos num fuscazul*, contos, Belo Horizonte, Comunicação, 1976.
- . *Os agricultores arrancam paralelepípedos*, contos, São Paulo, Ática, 1977.

- GOMES, Duflío. *O nascimento dos leões*, contos, Belo Horizonte, Interlivros, 1975.
- . *Verde suicida*, contos, São Paulo, Ática, 1978.
- . *Janeiro digestivo*, contos, Belo Horizonte, Comunicação, 1983.
- GOMES, Eustáquio. *A febre amorosa*, romance bandalho, São Paulo, EMW Editora, 1984.
- GOMIDE, Júlio Borges. *Liberdade para os pirilampos*, contos, Rio de Janeiro, Codecri, 1980.
- GOUVEA, Jaime Prado. *Areia tornando em pedra*, contos, Belo Horizonte, Editora Oficina, 1970.
- . *Dorinha, Dorê*, contos, Belo Horizonte, Interlivros, 1975.
- GUIMARÃES, Carmen Schneider. *Corpo molhado*, romance, Belo Horizonte, Comunicação, 1978.
- HORTA, Elizabeth Vorcaro. *Licença para viver*, romance, Belo Horizonte, Itatiaia, 1961.
- JATOBÁ, Roniwalter. *Crônicas da vida operária*, contos, São Paulo, Global, 1978.
- JOSÉ, Elias. *O tempo, Camila*, contos, Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1971.
- . *A mal-amada*, contos, 2.ed., Belo Horizonte, Interlivros, 1977.
- . *Inquieta viagem no fundo do poço*, contos, 2.ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979.
- . *Inventário do inútil*, romance, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.
- . *O historiador de Catitô*, novela, São Paulo, Atual, 1984.
- . *Um pássaro em pânico*, contos, 2.ed., São Paulo, Ática, 1982.

- JOSE, Elias. *Passageiros em trânsito*, contos, Rio de Janeiro, Record, 1983.
- LEITE, Alcione Ribeiro. *Eu choro do palhaço*, contos, Belo Horizonte, Comunicação, 1977.
- LOBATO, Manoel. *Garrucha 44*, contos, Rio de Janeiro, Simões, 1961.
- . *Mentira dos limpos*, romance, Belo Horizonte, Imprensa Publicações, 1967.
- . *Contos de agora*, contos, Belo Horizonte, Oficina, 1970.
- . *Os outros são diferentes*, contos, Rio de Janeiro, Artenova, 1971.
- . *A verdadeira vida do Irmão Leovegildo*, romance, Belo Horizonte, Interlivros, 1976.
- . *Flecha em repouso*, contos, São Paulo, Ática, 1977.
- . *Somos todos algarismos*, novela, São Paulo, Moderna, 1979.
- . *Você precisa de mim? O antúrio não é uma flor séria*, contos, Belo Horizonte, Comunicação, 1980.
- LOPES, Carlos Herculano. *O sol nas paredes*, contos, Belo Horizonte, Edições do Autor, 1979.
- LUIZ, Hilton. *Cristo de cera*, romance, São Paulo, Escritor, 1974.
- . *O longo declive*, romance-reportagem, São Paulo, Escritor, 1977.
- . *No interior do obscuro*, romance, São Paulo, Escritor, 1979.
- MACHADO, Aníbal. *Histórias reunidas*, contos, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1959.
- . *João Ternura*, romance, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1965.
- .
- O Eixo e a Rqda*, Belo Horizonte, (5): p. 43 - 69, 1986.

- MELLONEVES, Irene. *Aparição de Lia*, romance, Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1965.
- MOREIRA DUARTE, Maria Auxiliadora. *O mar, o vento*, contos, São Paulo, Ed. do Escritor, 1980.
- MOURÃO, Rui. *As raízes*, romance, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1956.
- . *Curral dos crucificados*, romance, Belo Horizonte, Ed. Tendência, 1971.
- . *Cidade calabouço*, romance, São Paulo, Quíron, 1973.
- . *Jardim pagão*, romance, Belo Horizonte, Lemi, 1979.
- . *Monólogo do escorpião*, romance, São Paulo, Ática, 1983.
- NEVES, Jeter. *Fratura exposta*, contos, Belo Horizonte, Comunicação, 1984.
- NEVES, Libério. *Pequena memória de Terra Funda*, ficção, Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1971.
- . *Mil quilômetros redondos*, ficção, Belo Horizonte, Interlivros, 1974.
- . *A solidão dos muros*, ficção, Belo Horizonte, Interlivros, 1976.
- PALMÉRIO, Mário. *Vila dos Confins*, romance, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1956.
- . *Chapadão do Bugre*, romance, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1965.
- PAULA, Branca Maria de. *A mulher proibida*, contos, Belo Horizonte, Comunicação, 1980.
- PEREIRA, Antônio Celso Alves, - v. CELSO, Antônio.
- PORTES, Max Figueiredo. *Maruim*, romance, São Paulo, Melhoramentos, 1986.
- RAINHO, Cleonice. *3 kms & picos*, contos, Belo Horizonte, Comunicação, 1980.
- .
- O Eixo e a Roda*, Belo Horizonte, (5): p. 43 - 69, 1986.

- RAINHO, Cleonice. *O chalê verde*, contos, Rio de Janeiro, Pongetti, 1964.
- RESENDE, Otto Lara. *O lado humano*, contos, Rio de Janeiro, A Noite, 1952.
- . *Boca do inferno*, contos, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1956.
- . *O retrato na gaveta*, contos, 3.ed., Rio de Janeiro, Sabiã, 1971.
- . *O braço direito*, romance, Rio de Janeiro, Autor, 1963.
- REZENDE, Sebastião. *Exercícios para o vôo*, romance, Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1971.
- . *No país do crepúsculo*, romance, Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1972.
- ROSA, Guimarães. *Sagarana*, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1946.
- . *Grande sertão: Veredas*, romance, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1956.
- . *Corpo de baile*, novelas, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1956.
- . *Primeiras estórias*, contos, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1962.
- . *Estas estórias*, contos, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1967.
- RUBIÃO, Murilo. *O ex-mágico*, contos, Rio de Janeiro, Universal, 1947.
- . *A estrela vermelha*, contos, Rio de Janeiro, Hipocampo, 1953.
- . *Os dragões e outros contos*, contos, Belo Horizonte, Movimento/Perspectiva, 1965.
- . *O pirotécnico Zacarias*, contos, São Paulo, Ática, 1974.
- . *O convidado*, contos, São Paulo, Quíron, 1974.
- .
- O Eixo e a Roda*, Belo Horizonte, [5]: p. 43 - 69, 1986.

RUBIÃO, Murilo. *A casa do girassol vermelho*, contos, São Paulo, Ática, 1978.

SABINO, Fernando. *Os grilos não cantam mais*, contos, Rio de Janeiro, Pongetti, 1941.

———. *A marca*, novela, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1944.

———. *A vida real*, novela, Rio de Janeiro, A Noite, 1952.

———. *O encontro marcado*, romance, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1956.

———. *O grande mentecapto*, romance, Rio de Janeiro, Record, 1979.

———. *O gato sou eu*, contos e crônicas, Rio de Janeiro, Record, 1983.

SAMÔR, Lucienne. *O olho insano*, contos, Belo Horizonte, Interlivros, 1975.

SANT'ANNA, Sérgio. *O sobrevivente*, contos, Belo Horizonte, Ed. Estória, 1969.

———. *Notas de Manfredo Rangel, repórter (a respeito de Kramer)*, contos, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1973.

———. *Confissões de Ralfo*, romance, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975.

———. *Simulacros*, romance, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977.

———. *Um romance de geração*, comédia dramática, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1981.

———. *Amazonas*, novela, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

SANTIAGO, Silviano. *O olhar*, romance, Belo Horizonte, Tendência, 1974.

———. *O banquete*, contos, 2.ed., São Paulo, Ática, 1977.

———. *Em liberdade*, romance, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

- SANTIAGO, Silviano. *Stella Manhattan*, romance, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
- TROSS, Sérgio. *Garfo e água fresca*, contos, São Paulo, Ática, 1977.
- VALADARES, Benedito. *A lua caiu*, romance, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1962.
- . *O Espiridião*, romance, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1966.
- VASCONCELOS, Ivan. *Um instante depois*, romance.
- . *O tropel*, romance, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1965.
- . *O toque da graça*, romance, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1967.
- VIGGIANO, Alan. *O exilado*, contos, Belo Horizonte, Comunicação, Brasília, INL, 1976.
- . *Manual do lobo*, fantasia humorística, Belo Horizonte, Comunicação, 1976.
- VILELA, Luiz. *Tremor de terra*, contos, Belo Horizonte, Ed. do Autor, 1967.
- . *No bar*, contos, Rio de Janeiro, Bloch, 1968.
- . *Tarde da noite*, contos, São Paulo, Vertente, 1970.
- . *Os novos*, romance, Rio de Janeiro, Gernasa, 1971.
- . *O fim de tudo*, contos, Belo Horizonte, Liberdade, 1973.
- . *Lindas pernas*, contos, São Paulo, Liv. Cultura, 1978.
- . *O inferno é aqui mesmo*, romance, São Paulo, Ática, 1979.
- . *O choro no travesseiro*, romance, São Paulo, Liv. Cultura, 1979.
- . *Entre amigos*, novela, São Paulo, Ática, 1983.

BOAS, Francisca. *O saber do humano*, contos, Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1971.

-. *Roteiro de sustos*, contos, Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1972.

ADENDO

O, Campos de. *A lua vem da Ásia*, romance, Rio, J.Olympio, 1956.

-. *Vaca do nariz sutil*, romance, Rio, Civilização Brasileira, 1961.

-. *A chuva imóvel*, romance, Rio, Civilização Brasileira, 1963.

-. *O púcaro búlgaro*, romance, Rio, Civilização Brasileira, 1964.

Erinaldo França de. *Serras azuis*, romance, Rio, GRD, 1961.

-. *Brejo alegre*, Rio, Liv. S.José, 1964.

-. *Jazigo dos vivos*, romance, Rio, J. Olympio, 1969.

-. *O não cego*, Rio, J. Olympio/MEC, 1973.

-. *A pedra e a pluma*, Rio, J.Olympio, 1979.

-. *A herança de Adão*, romance, Rio, J. Olympio/INL, 1983.

Antônio. *A casa da água*, romance afro-brasileiro, Rio, 1969.

-. *O cinema de Ubã*, romance, Rio, J.Olympio, 1972.

-. *Copacabana*, romance, Rio, Lisa, 1975.

-. *O Rei de Keto*, romance, Rio, Ed. Nórdica, 1980.